



2019.2 . Ano XXXVI . Número 38

# CALÍOPE

## Presença Clássica

*separata 4*

2019.2 . Ano xxxvi . Número 38

# CALÍOPE

## Presença Clássica

ISSN 2447-875X

*separata 4*

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas  
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
REITOR Denise Pires de Carvalho

Centro de Letras e Artes  
DECANA Cristina Grafanassi Tranjan

Faculdade de Letras  
DIRETORA Sonia Cristina Reis

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas  
COORDENADOR Ricardo de Souza Nogueira  
VICE-COORDENADORA Arlete José Mota

Departamento de Letras Clássicas  
CHEFE Fábio Frohwein de Salles Moniz  
SUBCHEFE Eduardo Murtinho Braga Boechat

Organizadores  
Fábio Frohwein de Salles Moniz  
Rainer Guggenberger

Conselho Editorial  
Alice da Silva Cunha  
Ana Thereza Basílio Vieira  
Anderson de Araujo Martins Esteves  
Arlete José Mota Auto Lyra Teixeira  
Ricardo de Souza Nogueira Tania Martins Santos

Conselho Consultivo  
Alfred Dunshirn (Universität Wien)  
David Konstan (New York University)  
Edith Hall (King's College London)  
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)  
Gabriele Cornelli (UnB)  
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)  
Isabella Tardin (Unicamp)  
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)  
Jean-Michel Carrié (EHESS)  
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)  
Martin Dinter (King's College London)  
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autónoma de México)  
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)  
Zélia de Almeida Cardoso (USP)

Capa  
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Editoração  
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Revisão de texto  
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Revisão técnica  
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ  
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ  
[www.lettras.ufrj.br/pgclassicas](http://www.lettras.ufrj.br/pgclassicas) – [pgclassicas@letras.ufrj.br](mailto:pgclassicas@letras.ufrj.br)

## A justa medida em *Olimpica 13* Gloria Braga Onelley

### RESUMO

Com base no princípio de que a narrativa mítica, nos epinícios de Píndaro, constitui um *exemplum* ora positivo ora negativo para o herói-atleta laureado, propomo-nos, no presente artigo, discutir o *tópos* da justa medida na tessitura de *Olimpica 13*, ode consagrada a Xenofonte de Corinto por sua dupla vitória (corrida a pé e pentatlo) alcançada na 79<sup>a</sup> Olimpíada (464 a.C.), por meio da relação de contraste entre o herói mítico e o herói vencedor.

### PALAVRAS-CHAVE

Píndaro; epinício; herói; *metron*.

SUBMISSÃO 29.06.2019 | APROVAÇÃO 03.11.2019 | PUBLICAÇÃO 23.03.2020

DOI <https://doi.org/10.17074/cpc.v2i38.26564>

S

endo da lavra de Píndaro (c. 518-438 a.C.), principal representante da poesia lírica da Antiguidade, a maior parte de cantos laudatórios consagrados a atletas vencedores dos Jogos Pan-helênicos (*Olímpicos, Píticos, Ístmicos e Nemeus*),<sup>1</sup> é legítimo destacar a importância do poeta na heroicização do atleta vencedor, haja vista facultarem seus versos um caráter duradouro à efemeridade da vitória, permanecendo o atleta e sua conquista na memória coletiva.

Com efeito, no contexto da Grécia arcaica, esses *agônes* atléticos eram importantes não somente na esfera desportiva e no âmbito das relações religiosas e políticas. Sem dúvida, o caráter sagrado de que se revestiam os Jogos Pan-helênicos justifica-se não só por celebrarem divindades do panteão grego e serem realizadas no recinto consagrado ao deus patrocinador das competições, mas também por serem sagrados os dias destinados a esses eventos desportivos, o triunfo obtido – considerado resultante da benevolência divina aliada às habilidades inatas do atleta –, bem como o simbólico prêmio recebido, uma simples coroa de diferentes folhagens da árvore consagrada à divindade ou aos heróis celebrados nos Jogos Pan-helênicos.<sup>2</sup>

Por outro lado, a participação de atletas em competições pan-helênicas propiciava-lhes visibilidade e reconhecimento público diante de toda a comunidade grega e constituía, no caso de os atletas serem líderes políticos, não só um meio de manifestar sua excelência e destreza, mas também uma das estratégias de exaltação e legitimação de seus valores e ideais políticos e sociais.<sup>3</sup> Além de propiciar fama ao vencedor, o triunfo atlético facultava maior prestígio à família e à cidade do homenageado, conferindo-lhes projeção nacional. Destarte, o atleta era elevado à categoria de herói pan-helênico cuja excelência se materializava no epinício, que, argumentou Gregory Nagy,<sup>4</sup> representava o estágio final de um programa ritual iniciado na participação do atleta nos quatro grandes Jogos Pan-helênicos. Converte-se, pois, em coroa de imortalidade o próprio canto triunfal cujo elemento mais importante é a narrativa mítica, que tem como personagens deuses

ou heróis míticos, paradigmas para o homenageado e, por extensão, para toda a audiência.

Todavia, para a heroicização do vencedor, não bastava narrar ou evocar o mito ou fazer um elogio puro e simples. Era necessário associar o mito com a vitória atlética, considerada um acontecimento histórico para a cidade e para os cidadãos, pois, ao ser celebrado, o laureado, suscitando-lhes sentimentos de amor próprio e orgulho da raça, convertia-se em modelo a ser seguido pelos ouvintes do canto, razão por que, antes da narração mítica, se mencionavam particularidades do evento atlético, essenciais à sua caracterização, como a divindade cultuada nos jogos, a natureza da competição, por vezes o local em que a ode ao vitorioso fora executada, assim como informações acerca do vencedor – seu nome, vitórias passadas, também as de seus ancestrais, suas virtudes ou qualquer outro aspecto que o aproximasse (ou aproximasse sua estirpe, sua cidade) do personagem mítico, por semelhança ou por dessemelhança, relação que vincula o presente atlético ao passado mítico. Mesmo que o exemplo mítico seja negativo, mantém ele com o laureado uma relação de contraste, de dessemelhança.

Algumas dessas particularidades estão presentes em *Olímpica 13*, consagrada ao atleta Xenofonte de Corinto por sua dupla vitória olímpica – a corrida a pé (c. de 200 m) e o pentatlo –,<sup>5</sup> em 464 a.C., durante a 79ª Olimpíada, conquista atestada também por Pausânias IV, 24, 5: “[...] κατὰ τὴν ἐνάτην Ὀλυμπιάδα καὶ ἑβδομηκοστήν, ἣν Κορίνθιος ἐνίκη Ἰενοφῶν, Ἀρχιμήδους Ἀθήνησιν ἀρχοντος” ([...] durante a 79ª Olimpíada, a qual Xenofonte de Corinto foi vencedor, quando Arquimedes era arconte em Atenas [...]).<sup>6</sup> Esse atleta era membro de uma ilustre e tradicional família de vencedores desportistas da cidade de Corinto, os Oligétidas (v. 97), que integravam, com outras famílias aristocráticas, uma espécie de oligarquia moderada.<sup>7</sup>

A ode *Olímpica 13* contém 115 versos, dispostos em cinco tríades<sup>8</sup> – compostas de um sistema rítmico formado de estrofe, antístrofe e epodo –, nas quais está presente o tema central da ode, a justa medida, o *métron*, um dos conceitos fundamentais da

axiologia pindárica, que, na estrutura do poema, se opõe à ideia de desmedida, excesso, *hybris*.

Inicia-se a primeira tríade (v. 1-23) com a louvação a três vitórias alcançadas nos Jogos Olímpicos: duas do atleta homenageado e uma de seu pai Tessalo (v. 35), razão por que é a família designada, logo no v. 1, pelo *bápx Trisolympionikan*, “três vezes vencedora em Olímpia”, fato que a torna digna de ser celebrada e inserida no contexto das grandes conquistas logradas pelo povo de Corinto.

Além do elogio ao atleta e à sua família, constituem um lugar-comum, nas odes pindáricas, referências encomiásticas à cidade do homenageado, seja por meio de evocações míticas, seja por referências diretas. Em *Olímpica 13*, essa celebração da cidade natal de Xenofonte apresenta-se de forma extensa já que ocupa quase toda a primeira tríade do epinício, compreendida entre os v. 4 e 23. Convém notar que Corinto tem como marca distintiva a prosperidade material e imaterial, caracterizada na ode pelo epíteto *olbían*, “rica, próspera”. Com efeito, essa cidade, por estar situada no istmo,<sup>9</sup> apresenta uma posição geograficamente privilegiada pois liga a península do Peloponeso com o resto da parte continental da Grécia. Essa sua posição incrementava sobremaneira o comércio terrestre e marítimo, propiciando-lhe um grande desenvolvimento econômico,<sup>10</sup> o que conferiu a essa cidade o epíteto *aphneión* “opulenta”, como atesta também Tucídides (1.13.5).<sup>11</sup>

Deve-se ressaltar, no entanto, que a prosperidade de Corinto não procede apenas da riqueza material, mas deriva, sobretudo, da aplicação de princípios norteadores da vida em sociedade, representados por *Eunomia*, “Boa Ordem”, “Boa Lei” (v. 6), que, de acordo com Musti,<sup>12</sup> simboliza “a palavra de ordem de uma oligarquia conservadora no momento de sua estabilidade”, por *Dikē*, “Justiça”, que representa o castigo inexorável para aqueles que, dominados pela *hybris*, “insolência”, se esquecem de sua simples condição humana, e por *Eiréne*, “Paz” (v. 7), deificadas as três, numa sequência harmônica e lógica, como filhas de *Thémis*, a deusa que preside à ordem natural de todas as coisas e representa

a justiça divina. Desse modo, a prosperidade material e imaterial de Corinto resulta da ação conjunta dessas divindades cuja função consiste em reprimir a *hybris*, isto é, o excesso, a desmedida que ultrapassa os limites humanos e provoca a injustiça e, por conseguinte, a ofensa a essas deusas, defensoras da ordem social. Note-se que, com a alusão à narrativa mítica das filhas de *Thêmis*, cuja função em *Teogonia* (v. 903) consiste em proteger as ações dos homens, já começa a delinear-se o tema central do epinício que se fundamenta, como já se referiu, na oposição *métron*, “moderação”, “medida” *versus hybris*, “excesso”, “desmedida”.

Convém notar, ainda, serem essas divindades indicadas como patrocinadoras tanto das conquistas atléticas e bélicas, quanto de invenções várias, tais como a arte poética – por exemplo, o ditirambo –, a criação de um tipo de freio para os cavalos e de um frontão arquitetônico, em forma de asa de águia, usado para decorar as fachadas dos templos dos deuses. Com efeito, por serem essas deusas as responsáveis pelas realizações dos Coríntios, observa-se estar implícita, nessas diferentes invenções, a ideia de ordenação e de medida, não no sentido moral de comedimento, mas no sentido de medição concreta, haja vista estar a poesia submetida a diferentes padrões métricos, ser o freio, denominado *métra* (v. 20), a peça presa aos arreios para controlar e dominar a velocidade e a força da cavalgadura e estarem alicerçados em medidas concretas os frontões arquitetônicos dos templos.

Quanto à segunda tríade (v. 24-46), enumeram-se, por meio de um catálogo, as conquistas de Xenofonte nos *Jogos Olímpicos*, *Ístmicos* e *Nemeus* (v. 29-34), as de seu pai Tessalo, nos *Olímpicos* e nos *Píticos* e em competições locais, como em Atenas e em Corinto (v. 35-40), e, por fim, também em certames pan-helênicos (*Ístmicos*, *Píticos* e *Nemeus*), os triunfos de seus parentes mais próximos (v. 41-46). Essa tríade se encerra com uma imagem marítima que aponta também para a ideia de comedimento, de *métron*, já que nela se expressa a impossibilidade de a *persona loquens* cantar a infinidade de vitórias conquistadas pela família do vencedor, comparáveis aos grãos de areia do mar. Essa analogia



entre os triunfos atléticos e a inviabilidade de contarem-se os grãos de areia do mar inserem-se no tema do *adynaton*, que, segundo Dutoit (1936, p. 1-13), consiste em “considerar como possível o que se opõe às leis naturais”.

Desse modo, com essa imagem marítima, salienta a *persona loquens* a necessidade de moderação no exercício de seu mister, tendo em vista que enumerar a quantidade de conquistas atléticas dos Oligétidas seria despertar a inveja dos deuses e, por conseguinte, incorrer em *hybris*. Essa atitude comedida é ratificada na terceira tríade (v. 47-69), que se inicia com uma sentença gnômica – “Em tudo convém / a devida medida: é melhor conhecer o momento oportuno” (v. 47-48) –, formada de dois conceitos indissociáveis já que a ideia de *métron* pressupõe a de oportunidade, de momento conveniente para a realização da ação, *kairós*. Com efeito, a ligação entre o final da segunda tríade e a parte central da ode, voltada para a narração do mito de Belerofonte e Pégaso, é feita por meio dessa *gnómē*, a máxima que é ilustrada pelo mito e se expressa ao longo da ode.

Convém salientar que, com essa *gnome*, se retoma o elogio à cidade do vencedor, com a evocação de figuras do passado mítico de Corinto, apenas lembradas por seus atributos positivos, como Sísifo<sup>13</sup> e Medeia,<sup>14</sup> invocados por sua astúcia e sagacidade (*metin*, v. 50), e Glauco<sup>15</sup> da Lícia, lembrado não só por sua habilidade guerreira em Troia, mas também por ser o ancestral do herói coríntio Belerofonte.<sup>16</sup> Na verdade, a simples referência ao nome de Glauco introduz o principal mito da ode, o de Belerofonte e Pégaso.

O mito de Belerofonte com a domesticação do cavalo Pégaso constitui, pois, o centro da ode e ocupa o epodo da terceira tríade – em que se evocam a epifania onírica de Palas Atena a Belerofonte e o freio que a deusa lhe dera para encilhar o cavalo Pégaso – e toda a quarta tríade (v. 70-85), na qual se alude às conquistas do herói, graças à domesticação do cavalo Pégaso, quais sejam, o extermínio das Amazonas, da Quimera e dos Sólimos.<sup>17</sup> Essa quarta tríade, de modo análogo ao final da segunda, é encerrada com a declaração ponderada da *persona loquens* sobre o

seu silêncio em relação à trágica morte de Belerofonte, motivada, segundo se lê em *Istmica* 7, v. 44-47, pela soberba do herói que, desejando chegar com o cavalo alado ao Olimpo e, em consequência, ultrapassar os limites de sua natureza mortal, foi arrojado à terra pelo cavalo, tendo um fim humilhante e sem glória.

Convém assinalar que essa simples alusão à morte do herói, sem indicações das circunstâncias trágicas em que ocorrera, processo denominado por Kirkwood<sup>18</sup> “técnica da ênfase por supressão”, harmoniza-se com a concepção pindárica segundo a qual não se deve macular a imagem de um herói (ou de uma divindade), atribuindo-lhe ações negativas. Assim, na ode em pauta, o mito de Belerofonte é empregado como um *exemplum* moral por meio do qual a voz do poema adverte o atleta homenageado e, por extensão, toda a audiência da dimensão do castigo divino a qualquer um que se deixa levar pela desmedida, pelo excesso, sanção não aplicável ao povo coríntio, que, comprometido com a *Ennomía*, foi o berço de cidadãos proeminentes, entre os quais os Oligétidas, a estirpe à que pertenciam o atleta homenageado Xenofonte de Corinto.

Nesse sentido, é lícito afirmar que se estabelece uma relação de dessemelhança entre o atleta vencedor, Xenofonte, alçado ao patamar dos heróis de Corinto, e o herói mítico Belerofonte, que se deixou dominar pela *hybris*. Por outro lado, há também uma relação de semelhança entre o herói mítico e o laureado, tendo em vista que ambos usaram a força alicerçada no *métron* para obter a vitória, seja no encilhamento do cavalo, seja nas atividades desportivas, trilhando, assim, o caminho que conduz ao heroísmo nas esferas mítica e real.

Na quinta e última tríade (v. 93-115), reiterando seu compromisso com a moderação e com a verdade, expressas pela preocupação comedida da *persona* em não se exceder nos elogios (“[...] disputo com muitos/sobre a quantidade de vitórias, pois certamente/ eu não saberia dizer claramente o número de grãos de areia do mar”, v. 44-46), em saber o que deve dizer (“não mentirei sobre Corinto”, v. 52) ou o que deve omitir (“eu ficarei em silêncio

sobre a morte de Belerofonte”, v. 91) e comparando seu ofício laudatório ao de um arqueiro que dispara calculada e mensuravelmente as flechas – versos da ode – para acertar o alvo – o atleta e sua família e a cidade de Corinto –, a voz poética volta às circunstâncias da festa com a louvação de outros triunfos atléticos alcançados, nos Jogos Pan-helênicos (*Ístmicos, Píticos* e Nemeus) e em outras competições locais (v. 107-112), pela família de Xenofonte de Corinto.

ANEXO: TRADUÇÃO DE OLÍMPICA 13<sup>19</sup>

*Olimpica* 13

a Xenofonte de Corinto, vencedor na corrida do estádio e no pentatlo (464 a.C.)

*Estrofe* 1

Louvando uma casa três vezes  
vencedora em Olímpia, casa generosa para os cidadãos,  
serviçal para os estrangeiros, reconhecerei  
a próspera Corinto, portal do Ístmico  
5 Posêidon, cidade de esplêndidos jovens;  
na verdade, nela habitam a Boa Ordem e sua  
irmã, alicerce seguro das cidades,  
a Justiça, e com ela juntamente criada  
a Paz, mestra da riqueza para os homens,  
áureas filhas de Têmis de bons conselhos.

*Antístrofe* 1

Elas querem repelir  
10 a Insolência, mãe de linguagem ousada da Cobiça.  
Tenho coisas belas para dizer, e a coragem  
honestamente incita minha língua a falar.  
Impossível é esconder o caráter inato.  
A vós, ó filhos de Aletes, muitas vezes  
as Horas floridas vos outorgaram o vitorioso triunfo  
15 quando, com as mais elevadas façanhas, vencestes  
nos sagrados jogos,  
e, muitas vezes, nos corações dos homens, lançaram

*Epodo* 1

elas as invenções de tempos antigos.  
Todo o trabalho de arte tem seu criador.  
De onde apareceram as canções de Dioniso  
com o ditirambo condutor de bois?  
20 Na verdade, quem colocou freios nos arreios dos cavalos,  
ou colocou nos templos dos deuses a dupla rainha das aves?

Lá floresce a Musa de doce sopro,  
lá floresce Ares nas lanças fatais de jovens varões.

*Estrofe 2*

Ó altíssimo, tu que tens o vasto domínio  
25 de Olímpia, torna-te generoso com meus versos  
todo o tempo, ó Zeus pai,  
e tu, que guardas este povo livre de perigo,  
conduze o vento favorável do destino de Xenofonte!  
De suas coroas recebe o rito de vitória  
que ele traz das planícies de Pisa,  
30 já que venceu ao mesmo tempo no pentatlo  
e na corrida de estádio; dessas (modalidades)  
nenhum mortal participou antes.

*Antístrofe 2*

Duas grinaldas de aipo  
o coroaram quando nos Jogos Ístmicos  
ele apareceu. E Nemeia não se opõe a este fato.  
35 A glória dos pés de seu pai Tessalo  
encontra-se para seu mérito nas correntes do Alfeu,  
e, em Delfos, ele detém a honra do estádio  
e da corrida dupla num só dia, e, no mesmo mês  
na rochosa Atenas, um dia de pés velozes  
lhe colocou três belíssimos  
prêmios em seus cabelos.

*Epodo 2*

40 Sete vezes nos Jogos Helócios; e, nos  
festivais entre os mares de Posêidon,  
cantos muito longos acompanharão seu pai Pteodoro,  
Térpsias e Eritimo.  
E quanto àquelas em que fostes vitoriosos em Delfos,  
e nas pastagens do leão, disputo com muitos  
45 sobre a quantidade de vitórias, pois certamente  
eu não saberia dizer claramente o número de grãos de areia do mar.

*Estrofe 3*

Em tudo convém  
a devida medida. E é melhor conhecer o momento oportuno.  
E eu, em particular, tendo sido enviado em uma missão de interesse público  
50 e proclamando o engenho  
e a belicosidade de vossos ancestrais em heroicas façanhas,  
não mentirei sobre Corinto, que Sísifo  
foi, como um deus, sutilíssimo em seus expedientes  
e ela, Medeia, em oposição ao pai,  
tendo arrumado para si mesma o casamento,  
foi salvadora da nau de Argos e de seus marinheiros.

*Antístrofe 3*

55 Então, outrora, durante uma luta,  
diante das muralhas de Dárdano, pareceu  
que eles (os Coríntios) decidiram o fim das batalhas de ambos os lados,  
uns, com a amada progênie de Atreu,  
tentando resgatar Helena, e outros, impedindo-os  
60 totalmente; diante de Glauco vindo da Lícia  
tremiam os Dânaos. E diante destes  
ele se vangloriava de estarem situados,  
na cidade de Pirene, o domínio,  
a opulenta herança e o palácio de seu antepassado,

*Epodo 3*

que muito sofreu, certamente por desejar  
um dia, junto da fonte, atrelar Pégaso,  
o filho da Górgona coberta de serpentes,  
65 até que a virgem Palas lhe trouxe  
um freio de frontal de ouro, e, imediatamente do sonho  
surgiu a realidade, e ela (a deusa) disse: 'Dormes, ó rei da estirpe de Éolo?  
Vem, recebe este filtro hípico  
e, sacrificando um touro branco, mostra-o a teu pai, o Domador de Cavalos.'

*Estrofe 4*

70 Pareceu-lhe que a virgem da escura égide  
dissera, na escuridão da noite, tais coisas  
a ele que dormia. E Belerofonte se levantou com o pé direito.  
E ele, agarrando o objeto milagroso que estava a seu lado,  
procurou, feliz, o adivinho local,  
75 e mostrou ao filho de Cérano todo o  
fim daquela aventura, e como no altar da deusa  
dormira uma noite, de acordo com o  
oráculo do adivinho, e como a própria  
filha de Zeus, cuja lança é o raio, lhe dera

*Antístrofe 4*

o ouro que subjuga o espírito.  
80 E ele (o adivinho) ordenou-lhe obedecer ao sonho o mais depressa  
possível, e, depois que ao poderoso Sacudidor da Terra sacrificasse  
uma vítima de fortes cascos,  
estabelecesse depressa uma altar para Atena Hípia.  
O poder dos deuses proporciona a criação fácil até aquela  
que está além do juramento e da esperança.  
E certamente o forte Belerofonte, esforçando-se,  
capturou o cavalo alado,  
85 estendendo o amuleto suave à volta da mandíbula.

*Épodo 4*

E depois de tê-lo montado, ele (Belerofonte),  
armado de bronze, logo se divertia em combate.  
E com ele, uma vez,  
dos abismos gelados do ar deserto, (Belerofonte),  
depois de atacar o feminino exército das Amazonas  
90 matou a Químera que exalava fogo e os Sólimos.  
Eu ficarei em silêncio sobre a morte de Belerofonte;  
mas a Pégaso os antigos estábulos de Zeus no Olimpo acolheram.

*Estrofe 5*

Não convém que eu, enquanto faço um  
arremesso correto de meus dardos, lance de minhas mãos  
95 inúmeras setas para além do alvo.  
Na verdade, vim de bom grado como ajudante das Musas de  
tronos resplandecentes e dos Oligétidas.  
Com uma breve palavra, tornarei claras, ao mesmo tempo,  
suas vitórias no Istmo e em Nemeia: verdadeira e  
sob juramento para mim será sessenta vezes, de ambos os lados,  
100 a doce voz do nobre arauto.

*Antístrofe 5*

Suas vitórias em Olímpia  
parecem já ter sido anteriormente contadas;  
e as futuras eu poderia claramente celebrar depois.  
Agora, disso tenho esperança, mas certamente o êxito está  
105 nas mãos da divindade; porém, se a sorte desta família prosseguir,  
confiaremos isto a Zeus e a Eniálio  
para cumprir. E as vitórias sob o cume do Parnaso  
são seis; e tão numerosas em Argos e em  
Tebas; e aquelas que o altar soberano de Zeus Lício,  
□ que reina entre os Árcades, testemunhará.

*Epodo 5*

Pelena, Sícion,  
Mégara, o bem fortificado domínio dos Eácidas,  
110 Elêusis, a resplandecente Maratona,  
as ricas e belas cidades sob o cume elevado do Etna  
e a Eubeia; e, se procurares, encontrarás  
por toda a Hélade mais (vitórias) para ver.  
Vai, nada com seus ágeis pés!  
115 Ó Zeus que cumpres todas as coisas, concede (-lhes) o respeito e  
[a doce fortuna dos prazeres!



ABSTRACT

Based on the principle that the mythical narrative, in the odes of Pindar, is an *exemplum* either positive either negative for the laureate hero-athlete, this article aims to discuss the *topos* of just measure in the context of the *Olympic* 13, ode consecrated to Xenophon of Corinth for his double victory (foot race and pentathlon) achieved in 79<sup>a</sup> Olympiad (464 BC), through the contrast relation between the mythical hero and the winning athlete.

KEYWORDS

Pindar; Epinicion; Hero; *Metron*.

## REFERÊNCIAS

- DUTOIT, Ernest. **Le thème de l'adynaton dans la poésie grecque**. Paris: Les Belles Lettres, 1936. p. 1-13.
- GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. 3. ed. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- HESIOD. **Theogony**. Edited with Prolegomena and commentary by M.L. West. Oxford: Oxford University Press, 1966.
- HIRATA, Elaine Farias Veloso. Monumentalidade e representações do poder tirânico no Ocidente grego. In: CORNELLI, Gabriele (org.). **Representações da cidade antiga: categorias históricas e discursos filosóficos**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – Classica Digitalia Universitatis Conimbrigensis, 2010. p. 23-41.
- HOMERO. **Iliada**. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2005.
- KIRKWOOD, Gordon. **Selections from Pindar**. Edited with an introduction and commentary. Chicago: Scholars Press, 1982.
- LEXICON TO PINDAR. Edited by William J. Slater. Berlin: Walter de Gruyter & CO, 1969.
- LOMENTO, Liana. Lode della città in Pindaro, Olimpica 13 per Senofonte corinzio. Corinto Luogo di Azione e Luogo di Racconto. **Quaderni Urbinati di Cultura Classica** 9, p. 89-105, 2013.
- MOSSÉ, Claude. **A Grécia arcaica de Homero a Ésquilo**. Tradução de Emanuel Lourenço Godinho. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 95-146 [n. 37].
- NAGY, Gregory. The ordeal of the Athlete and the Burden of the Poet. In: \_\_\_\_\_. **Pindar's Homer**. The Lyric Possession of an Epic Past. London: The Johns Hopkins Press, 1994. p. 136-45.
- ONELLEY, Glória Braga; PEÇANHA, Shirley. **As odes Olímpicas de Píndaro: introdução, tradução e notas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.
- PAUSANIAS. **Description of Greece**. Translated by W.H.S. Jones. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1918/1935. [Vol. I: Books 1-2 (Attica and Corinth). Vol. IV: Books 8 -10].
- PINDARI CARMINA CVM FRAGMENTIS PARS I EPINICIA. Edited by Hervicus Maehler. Bruno Snell. B.S.B.G. Teubner Verlagsgesellschaft, 1971.
- PÍNDARO. **Odas y Fragmentos: Olímpicas; Píticas; Nemeas; Ístmicas; Fragmentos**. Introducciones, traducción y notas de Alfonso Ortega. Madrid: Gredos, 1984.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da. **Estudos de história de cultura clássica**. 10. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006. [Vol. I – Cultura Grega].

TUCÍDIDES. **História da guerra do Peloponeso**. Tradução, apresentação e notas Ana Lia Amaral de Almeida Prado; texto grego estabelecido por Jacqueline de Romilly. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

VIRGOLINO, Mariana F. **Fertilidade e prosperidade na ásty de Corinto: o santuário de Deméter e Kóre nos períodos arcaico e clássico**. 2013. 251 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013. p. 41.

<sup>1</sup> De todos os subgêneros da poesia mélica cultivados por Píndaro, foram-nos legadas, por meio de manuscritos datados da Idade Média – procedentes talvez da compilação das odes triunfais realizada pelos eruditos alexandrinos –, como informa Ortega (PÍNDARO, 1984, p. 51), quatro coletâneas com 45 epínios, cantos triunfais que celebram, de modo geral, os vencedores das principais competições pan-helênicas e são ordenados de acordo com a data de instituição dos jogos: primeiro, os *Olimpícos* (iniciados em 776 a.C., em Olímpia, em honra de Zeus, e celebrados de quatro em quatro anos), os *Píticos* (instituídos em 582 a.C., em Delfos, em honra de Apolo, e realizados de quatro em quatro anos, alternando de dois em dois anos com os *Olimpícos*), os *Ístmicos* (realizados em Corinto, desde 581 a.C., em honra de Posêidon, no mês de abril, de dois em dois anos, alternando-se com os *Olimpícos* e os *Píticos*) e os *Nemeus* (celebrados desde 573 a.C., em honra de Zeus, na planície de Nemeia, também de dois em dois anos, no mês de julho, coincidindo a partir deste ano com os *Ístmicos*).

<sup>2</sup> Nos grandes Jogos Pan-helênicos, a julgar pelo testemunho de Pausânias (VIII. 48.2), o prêmio concedido aos vencedores consistia numa coroa de diferentes folhagens: nos Olímpicos, uma coroa de oliveira – árvore simbólica de Hércules –, nos Píticos, uma coroa de loureiro – árvore consagrada a Apolo –, nos Ístmicos, de ramagem de pinheiro, e nos Nemeus, de aipo. Nos Ístmicos, no entanto, a coroa foi, de início, de aipo seco e, depois, de ramagem de pinheiro, anota Rocha Pereira (2006, p. 348).

<sup>3</sup> Sobre as formas de legitimação do poder aristocrático, em especial dos tiranos sicíliotas, cf. HIRATA, 2010, p. 23-41.

<sup>4</sup> NAGY, 1994, p. 142-143.

<sup>5</sup> O pentatlo reunia cinco modalidades atléticas: salto, corrida do estádio, lançamento de dardo, arremesso de disco e luta. Nos jogos pan-helênicos, a corrida e a luta eram também provas independentes, enquanto as três outras modalidades não constituíam competições autônomas, só integrando o pentatlo. Essa prática desportiva teve início na 18ª Olimpíada em 708 a.C.

<sup>6</sup> Tradução nossa.

<sup>7</sup> Sistema de governo vigente em que a participação do povo em um Conselho se limitava a assuntos discutidos preliminarmente por uma pequena parte de conselheiros, que, segundo Edouard Will (apud: VIRGOLINO, 2013, p. 41), foi implantada a partir de meados do séc. VI a.C. após a queda da tirania dos Cipsélidas (582 a.C.). De fato, a julgar pelo que diz Aristóteles em *Política*, 1299b, havia, num governo de oligarquia moderada, elementos próprios da constituição democrática, como um conselho, mas também a predominância de traços da constituição oligárquica, como um grupo de conselheiros que decidia anteriormente os assuntos a serem discutidos na assembleia.

<sup>8</sup> Sete odes (*Olimpíca* 14, *Píticas* 6 e 12, *Nemeias* 2, 4, 9 e *Ístmica* 8) apresentam estrutura monostrófica, isto é, possuem apenas estrofes em que se repete, em todas as partes do poema, o mesmo esquema métrico.

<sup>9</sup> O Istmo de Corinto – estreita faixa de terra que liga a península do Peloponeso com o resto da parte continental da Grécia – era consagrado a Posêidon, deus do mar (PAUSÂNIAS 2.1.6). Aí, se realizavam os *Jogos Ístmicos*, cuja divindade tutelar era Posêidon.

<sup>10</sup> A julgar pelos comentários de Claude Mossé (1984, p. 165-168) acerca da economia de Corinto, a cerâmica encontra seu apogeu comercial já nos inícios da época arcaica, isto é, no período da oligarquia dos Baquíades (cujo governo é datado de meados do séc. VIII a.C. a meados do VII a.C.), embora a base econômica fosse predominantemente agrária. Porém, foi durante a tirania dos Cipsélidas, compreendida entre meados do séc. VII a.C. e inícios do VI (por volta de 660 a 582 a.C., data do fim da tirania da citada dinastia), que o comércio coríntio se intensificou, sobretudo com o crescimento da atividade naval, como se infere ainda de Tucídides, segundo o qual foram os coríntios os primeiros a construir trirremes (1.13.2). Assim, com base no historiador (1.13.1-6), podia

avaliar-se o poder marítimo de uma cidade pelo número de trirremes de sua frota, o que reitera a prosperidade de Corinto.

<sup>11</sup> “Os coríntios, habitantes de uma cidade localizada no istmo, mantinham desde sempre um centro comercial, pois outrora os helenos comunicavam-se mais por terra que por mar, tanto os do Peloponeso como os de fora, e o faziam através do território deles; tinham poderosos recursos, como se evidencia nos velhos poetas: à região deram o nome de opulenta. Como os helenos se dedicavam cada vez mais à navegação, adquiriram navios e puseram-se a eliminar a pirataria; dispondo de um centro comercial que era terrestre e marítimo, com a entrada de lucros chegaram a ter uma cidade poderosa” (TUCÍDIDES, 1, 13, 5).

<sup>12</sup> apud: LOMIENTO, 2013, p. 92.

<sup>13</sup> Sísifo, filho de Éolo, foi o fundador mítico e primeiro rei de Éfira, antigo nome da cidade de Corinto. Foi também fundador dos Jogos Ístmicos. Era pai de Glauco – bisavô de Glauco da Lícia (v. 60) – e avô de Belerofonte.

<sup>14</sup> Filha de Eetes, rei da Cólquida, Medeia ajudou Jasão, chefe da expedição marítima dos Argonautas, a conquistar, por determinação do tio do herói, Pélias, o velocino de ouro. Depois de ter ajudado Jasão, com suas habilidades mágicas, a vencer esta prova e a matar Pélias, em Iolco, Medeia fugiu para Corinto, terra natal de seu pai, onde viveu com Jasão, até que o rei local, Creonte, decidiu dar em casamento sua filha Creúsa ao herói dos Argonautas, fato que desencadeou a fúria e a vingança de Medeia, que, após matar a princesa e o pai, fugiu para Atenas num carro com cavalos alados. Informam os escólios (BCED) à passagem (74f) que Medeia procede de Corinto em virtude de seu pai Eetes ter recebido do pai, o deus Hélio, o domínio de Corinto. Em cumprimento a um oráculo, Eetes foi obrigado a deixar Corinto e a partir para Cólquida.

<sup>15</sup> Glauco, filho do príncipe Hipóloto da Lícia e neto de Belerofonte, comandava o contingente lício como aliado dos Troianos.

<sup>16</sup> Com o pronome relativo *hós*, cujo antecedente é o substantivo *patrós* (v. 61b), inicia-se a narração do mito de Belerofonte e Pégaso. A obra que atesta pela primeira vez os feitos de Belerofonte é a *Iliada* (VI, v. 153-211), precisamente no episódio em que Diomedes e Glauco – comandante dos Lícios e aliado dos Troianos – não travam combate por terem reconhecido os sagrados laços de hospitalidade que uniram seus ancestrais, respectivamente, Eneu e Belerofonte. Como é usual na técnica de composição da épica arcaica, introduz-se, a partir do v. 155 do canto VI de *Iliada*, uma digressão sobre a gesta de Belerofonte. Assim, de acordo com a narrativa homérica, é esse herói mítico filho de Glauco e neto de Sísifo (*Iliada* VI, v. 153-155), genealogia que difere da apresentada na versão pindárica, tendo em vista ter o herói como pai o deus Posêidon, Domador de Cavalos (*Olimpica* 13, v. 69); quanto ao antepassado mais distante por via paterna, cita-se o deus Éolo (*Iliada* VI, v. 154; *Ol.* 13, v. 67), pai de Sísifo. Logo, Belerofonte descende da casa real de Corinto, já que seu avô Sísifo fora fundador dessa cidade, anteriormente chamada Éfira.

<sup>17</sup> Cf. também *Iliada* VI, v. 159-186.

<sup>18</sup> Esse processo foi mencionado por Kirkwood (1982, p. 68) em referência à *Olimpica* 2, na qual também há somente alusões a passagens da saga de Édipo e não a narração integral de sua gesta, técnica amplamente empregada nos epínícios pindáricos.

<sup>19</sup> ONELLEY; PEÇANHA, 2016, p. 144-156.